

# Remix Ensemble

Casa da Música

# Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

**Peter Rundel** direcção musical  
**Christian Zacharias** direcção musical  
**Ashot Sarkissjan** violino  
**Marc Coppey** violoncelo

06 Nov 2021 · 18:00 Sala Suggia

À VOLTA DO BARROCO



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



---

## Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel direção musical

Ashot Sarkissjan violino

Marc Coppey violoncelo

## Salvatore Sciarrino

*Le stagioni artificiali*, para violino e ensemble (2006; c.18min)

## Wolfgang Rihm

*Versuchung — Hommage à Max Beckmann*, para violoncelo e orquestra

(2008/09; c.25min)\*

PAUSA TÉCNICA

---

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Christian Zacharias direção musical

## Anton Bruckner

Quinteto em Fá maior (transcrição para orquestra de cordas) (1878-79; c.43min)

1. Gemäßigt [Moderado]
2. Scherzo: Schnell [Rápido] — Trio: Langsamer [Mais lento]
3. Adagio
4. Finale: Lebhaft bewegt [Animado]

MARC COPPEY — ARTISTA EM RESIDÊNCIA  
CICLO GRANDES CONCERTOS PARA VIOLONCELO

\*Encomenda Festival Musica — Estrasburgo, Casa da Música, Festival Ars Musica — Bruxelas e Feldkirch Festival.

## Salvatore Sciarrino

PALERMO, 1947

### ***Le stagioni artificiali,* para violino e ensemble**

A herança violinística do Barroco italiano encontra-se muito presente em *Le stagioni artificiali*, obra escrita em 2006 por Salvatore Sciarrino. Sciarrino é um vulto maior da música contemporânea italiana, tendo desenvolvido uma abordagem particular aos elementos musicais a partir de uma educação artística dominada pelo autodidactismo. Nesta obra, actualiza elementos de *As Quatro Estações* de Vivaldi, relacionando-os com as transformações climáticas do século XXI. Os papéis do timbre, da textura e do espaço são fulcrais nas suas obras, afastando-as dos cânones pós-serialistas associados à Europa Central.

*Le stagioni artificiali* resultou de uma encomenda da Muziekgebouw aan't IJ (Amesterdão), do Festival Ars Musica (Bruxelas) e do Nieuw Ensemble (Amesterdão). Este agrupamento apresentou a obra na sua cidade, Amesterdão, a 22 de Janeiro de 2007, com Irvine Arditti como solista sob a direcção de Ed Spanjaard.

*Le stagioni artificiali* é uma exploração do som nas suas manifestações mais elementares. O agrupamento seleccionado pelo compositor é muito pouco ortodoxo, incluindo flauta alto, bandolim e guitarra. Centrada num eixo constituído por uma nota, a obra baseia-se em campos sonoros contrastantes. O recurso a harmónicos, multifónicos e efeitos como o sopro nos aerofones e a fricção diagonal nas cordas dos instrumentos cria envelopes tímbricos em torno dos quais os episódios se desenrolam. Assim, um campo sonoro que muda quase imperceptivelmente e no qual as

vibrações de sons de frequências próximas (os batimentos) interagem é a tela na qual Sciarrino coloca o solista.

A obra começa com a sobreposição do solista, cujo instrumento geme nos sobreagudos, a um campo sonoro estático. O papel do violino assemelha-se ao canto dos pássaros que Vivaldi incluiu em *As Quatro Estações*, enquanto que os efeitos soprados na flauta e a pontuação da percussão remetem para o universo sonoro da música tradicional japonesa. Variações de timbre e exploração das ressonâncias do violino são elementos centrais na escrita para o solista. O estatismo evoca uma atmosfera de imaterialidade inquieta na qual os instrumentos emergem e submergem. Os *portamenti* e os efeitos de ressonância exploraram as fronteiras entre o som e o não-som, questionando o ouvinte acerca da natureza da matéria audível. A espacialidade criada por Sciarrino é central no desenrolar de *Le stagioni artificiali*. Entre o pontilhismo camerístico, marcado por interjeições curtas de instrumentos isolados, e uma constante ressonância, a obra desenrola-se de forma muito particular, cuja subtilidade é enfatizada pelo violino solista. Passagens estáticas e cinéticas com dinâmicas de intensidades variáveis misturam-se sobre um campo aparentemente estático. A alternância e o contraste entre brilho e escuridão marcam uma peça fundamental no percurso heterodoxo do compositor. Um alerta para as alterações climáticas e seu impacte nas espécies do planeta.

### ***Versuchung — Hommage à Max Beckmann, para violoncelo e orquestra***

A obra multifacetada de Wolfgang Rihm reflecte a pluralidade de abordagens à música do final do século XX e do início do século XXI. Inicialmente associado à chamada Nova Simplicidade, um movimento germânico que problematizou a herança dos vanguardismos modernistas, o compositor trilhou caminhos inovadores em diversos campos. Paralelamente, desenvolveu uma importante actividade pedagógica. *Versuchung — Hommage à Max Beckmann* é uma obra para violoncelo e orquestra que se inspira no tríptico *As Tentações de Santo Antão*, pintado pelo artista expressionista alemão Max Beckmann entre 1936 e 1937. Nessa altura, a Alemanha Nazi empreendia uma grande perseguição ao que designou por “arte degenerada”. Muitas vanguardas eram consideradas incompatíveis com o espírito germânico e apontadas como reflexo da decadência artística e civilizacional que o Reich queria combater. Nesse contexto, várias obras de Beckmann foram expostas em eventos associados à condenação desses artistas. A atmosfera da época fez com que o pintor se exilasse na Holanda e, posteriormente, nos Estados Unidos da América. O estilo expressionista de Beckmann distorce as figuras e usa contrastes de cores fortes de forma a intensificar o horror de uma realidade brutal. Essa visão crua da Alemanha colocou-o junto dos artistas banidos.

*As Tentações de Santo Antão* ilustram o momento em que o santo é tentado no seu isolamento e tornaram-se um *topos* frequente nas artes visuais a partir do Renascimento. Pintores como Miguel Ângelo, Martin Schongauer,

Hieronymus Bosch, Patinir e Massys, Annibale Carracci, Max Beckmann ou Salvador Dalí inspiraram-se nessa passagem. O quadro de Beckmann é um tríptico que remete para a leitura do episódio que Hieronymus Bosch pintou e que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa.

Rihm escreveu uma obra de contrastes altamente influenciada pelo Expressionismo Vienense, uma das correntes musicais mais perseguidas pelo Nazismo. *Versuchung* resultou de uma encomenda conjunta do Festival Musica (Estrasburgo), da Casa da Música (Porto), do Festival Ars Musica (Bruxelas) e do Feldkirch Festival (Feldkirch). Estreou na Cité de la musique et de la danse, em Estrasburgo, a 1 de Outubro de 2009. Os protagonistas dessa apresentação foram a orquestra Les Siècles, dirigida por François-Xavier Roth, contando com Sonia Wieder-Atherton no violoncelo.

O ambiente misterioso da obra é criado pela orquestra, preparando a entrada do solista, que interpreta uma melodia angular atonal com recurso às cordas dobradas. O lirismo distorcido e uma abordagem pontilhista na orquestração evocam a memória de Alban Berg e Anton Webern, fundindo-os numa passagem que atribui primazia às sonoridades graves e aos timbres escuros. Uma curta célula é a matéria geradora de várias melodias, em combinações transformadoras de elementos. Os *portamenti* e a subida gradual de registo do solista e da orquestra desembocam num episódio em que pequenas figurações de âmbito curto são sobrepostas. O violoncelo solista desloca-se, abruptamente, para os agudos e as notas repetidas lançam uma secção cinética em que dominam intervenções solísticas de alguns instrumentos da orquestra em ritmos irregulares. A interacção entre solista e elementos individuais da orquestra remetem para o

uso do timbre característico da Segunda Escola de Viena, nomeadamente a *Klangfarbenmelodie*. Nesse contexto, a sequência melódica é interrompida por mudanças de ritmo e timbre.

Um episódio lírico protagonizado pelo solista contrasta com a secção anterior. O adensamento da textura e a diversificação dos timbres, com recurso à surdina nos aerofones, e as dinâmicas mais intensas acompanham as intervenções do solista, que demonstra as possibilidades tímbricas do instrumento. A escrita orquestral torna-se mais vertical e aproveita o piano como ressoador do agrupamento. Uma secção mais regular que estiliza o Romantismo tardio através de uma perspectiva modernista evoca a memória de Alban Berg. O recurso ao contraponto, sobrepondo células sonoras, conduz a um clímax interpretado pelo *tutti*. Os motivos movimentados dos trompetes contrastam com o lirismo do solista que, após uma secção que remete para uma marcha distorcida, interpreta uma cadência final do registo mais agudo do instrumento até a peça se dissipar no éter.

JOÃO SILVA, 2021

## Anton Bruckner

ANSFELDEN (ÁUSTRIA), 1824 – VIENA, 1896

### Quinteto em Fá maior

(transcrição para orquestra de cordas)

A produção musical de Anton Bruckner, centrada na criação de obras corais e sinfónicas, é parca em outros géneros, nomeadamente música de câmara. O único quinteto de cordas que compôs destaca-se, portanto, não obstante a influência da escrita sinfónica que este evidencia. Este facto tem propiciado a criação de arranjos orquestrais do Quinteto ou a sua interpretação por orquestra de cordas, tal como nesta apresentação, atribuindo as partes individuais aos respectivos naipes da orquestra e distribuindo a parte de violoncelo pelos naipes de violoncelo e contrabaixo.

O Quinteto, na sua versão original, foi composto para 2 violinos, 2 violas e 1 violoncelo, e surgiu na sequência de um pedido de Josef Hellmesberger, primeiro violino de um afamado quarteto de cordas e director do Conservatório de Viena, onde Bruckner leccionava desde 1868. Embora Hellmesberger tivesse solicitado um quarteto de cordas, Bruckner optou por compor um quinteto, porventura buscando uma expansão dos recursos instrumentais. A composição da obra ocorreu entre 1878 e 1879. Hellmesberger apresentou várias reservas quanto à obra, nomeadamente em relação ao *Scherzo*, que considerou demasiado difícil. Bruckner compôs um *Intermezzo* em substituição, que não integrou a versão final. A estreia parcial da obra (apenas dos 3 andamentos iniciais) ocorreu em 1881 por outros músicos; o grupo de Hellmesberger apenas o estreou em 1885, com o *Scherzo* originalmente planeado. As comparações com os últimos quartetos de Beethoven são inevitáveis, mas, curiosamente, Bruckner não teria

conhecimento destes na altura em que compôs o Quinteto. Já a proximidade com o estilo sinfónico do próprio Bruckner está patente na concepção de larga escala (inclusivamente em termos de duração) que caracteriza a obra.

O primeiro andamento, “Gemäbigt”, começa com um tema expressivo mas simultaneamente delicado que, através da repetição, se torna mais empolgado, interrompido por uma transição quase jocosa marcada por trilos curtos. Bruckner recorre a um diálogo entrecortado, com jogos de pergunta-resposta e imitação entre instrumentos, baseados em curtos motivos que contrastam com a expansividade do tema inicial. As características rítmicas deste motivo são obsessivamente repetidas por todos os instrumentos, uma marca também patente na escrita orquestral de Bruckner. Destaca-se também, numa nova secção mais leve e ligeira, o acompanhamento em *pizzicato*<sup>1</sup> à melodia exposta pelos violinos e pela 1.ª viola. Bruckner desenvolve estes materiais alternando entre passagens de cariz solístico e novos diálogos entre instrumentos, com a evocação de temas e motivos rítmicos já expostos. O andamento segue a forma sonata, ou seja, repete sensivelmente a partir da segunda metade, com variações e alterações harmónicas, os materiais expostos inicialmente, terminando com uma secção assertiva e rítmica.

O “Scherzo” presta jus ao seu título (“brincadeira” em italiano), apresentando no 1.º violino um tema alegre e rápido, com recurso frequente (também nos instrumentos que acompanham) ao *stacatto*<sup>2</sup>, que reforça a sua leveza e o seu

bom humor. Bruckner aplica de novo a técnica de *pizzicato* nos acompanhamentos, não obstante o andamento se tornar mais lento cada vez que ocorre uma mudança de secção. Nessas transições, as articulações de *stacatto* e *pizzicato* sugerem uma perda de energia, retomada apenas quando regressa o tema principal. Como é padrão em sinfonias clássicas e românticas, o “Scherzo” é seguido por um “Trio”, que introduz um elemento de contraste antes da repetição final do “Scherzo”. Os trios, em andamentos sinfónicos, podem sugerir esse contraste através de alterações de ritmo, melodia ou andamento, entre outras. Neste caso, o “Trio” adopta um tempo mais lento mas mantém algumas das características do “Scherzo”, como a leveza e o uso de *stacatto* e *pizzicato*. Os conteúdos musicais, no entanto, apresentam-se de forma mais fragmentada, e os instrumentos adoptam estilos diferenciados, alternando de forma aparentemente aleatória entre motivos expansivos e fragmentos jocosos.

Embora numa versão inicial o “Adagio” antecederesse o “Scherzo”, Bruckner optou por colocá-lo na presente sequência, uma opção aliás seguida também na 8.ª Sinfonia, por exemplo. O 1.º violino apresenta o longo e expressivo tema principal, remanescente dos andamentos lentos das sinfonias de Bruckner mas também das técnicas empregues por Wagner na construção de climaxes de tensão através de melodias expansivas e invulgarmente longas. O solo do 1.º violino dá lugar a intervenções da 1.ª viola e do violoncelo, que assumem aqui uma importância destacada. Saliente-se também as ligações entre secções de conteúdos melódicos diversos e o cuidado que Bruckner coloca nesse encadeamento, recorrendo à repetição e à sobreposição de motivos, por exemplo. Os momentos de suspensão ou interrupção do

<sup>1</sup> [N. E.] Técnica em que a corda é pinçada com o dedo ao invés de ser friccionada com o arco, produzindo sons mais curtos e abafados.

<sup>2</sup> [N. E.] Notas que se destacam por serem excepcionalmente curtas.

final do andamento tornam-se assim particularmente expressivos.

O início do último andamento, “Lebhaft bewegt”, é construído com motivos sobrepostos a uma nota obsessivamente repetida pela 2.<sup>a</sup> viola, e sugere um carácter de busca característico de uma introdução. É seguido de uma secção mais lenta, também de cariz motivico e algo fragmentada, carácter que vai manter, aliás, tornando este andamento o mais enigmático da obra, mas também aquele em que se aplica de forma mais consequente um diálogo entre todos os instrumentos, com recurso à técnica contrapontística de *fugato*, sem a hegemonia do 1.<sup>o</sup> violino que é notória nos outros andamentos. O retorno da nota pedal, desta vez no violoncelo, marca a conclusão da obra num amplo *crescendo* final.

HELENA MARINHO, 2020



## Peter Rundel direcção musical

Peter Rundel é um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias, graças à profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par da sua criatividade interpretativa.

É regularmente convidado para dirigir a Orquestra da Rádio Bávara e as Sinfónicas das Rádios NDR, WDR e SWR. Colaborou recentemente com as Filarmónicas de Helsínquia, da Radio France e do Luxemburgo, a Orquestra Nacional de Lille, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra do Teatro de Ópera de Roma e as Sinfónicas de Viena e da Rádio de Frankfurt. Na Ásia, dirigiu a Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Taipé.

Iniciou a temporada 2020/21 com o convite do Musikfest Berlin para dirigir o Ensemble Musikfabrik. Além dos compromissos com a Sinfónica da Rádio Bávara, a Sinfónica do Porto Casa da Música e a Basel Sinfonietta, celebrou o 20.º aniversário do Remix Ensemble Casa da Música, realizando um concerto na Elbphilharmonie de Hamburgo. A sua agenda para 2021 incluía a estreia da nova peça de teatro musical de Isabel Mundry, *Im Dickicht*, no Festival Schwetzingen SWR — adiada para 2023.

Peter Rundel dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera Alemã de Berlim, na Ópera Estatal da Baviera, no Festwochen de Viena, no Gran Teatre del Liceu, no Festival de Bregenz e no Schwetzingen SWR Festspiele, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Philippe Arlaud, Peter Mussbach, Heiner Goebbels, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de

Wolfgang Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht e Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug — die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen e La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Em 2016 e 2017, dirigiu *De Materie* de Heiner Goebbels no Armory Hall de Nova Iorque e no Teatro Argentino La Plata, uma produção que estreou na Ruhrtriennale em 2014. Com a estreia mundial de *Les Bienveillantes* de Hector Parras, encenada por Calixto Bieito, apresentou-se pela primeira vez na Ópera da Flandres, em 2019.

Natural de Friedrichshafen (Alemanha), Peter Rundel estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov, e direcção com Michael Gielen e Peter Eötvös. Foi violinista do Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Tem desenvolvido colaborações regulares com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik, o Collegium Novum Zürich, o Ensemble intercontemporain e o AskolSchönberg Ensemble. Foi Director Artístico da Filarmónica Real da Flandres e o primeiro Director Artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 foi nomeado Maestro Titular do Remix Ensemble Casa da Música.

Profundamente comprometido com o desenvolvimento e a promoção de jovens talentos musicais, fundou no Porto a Academia de Verão Remix Ensemble dedicada a jovens músicos e maestros. Além de orientar as suas próprias masterclasses de direcção na região da Baviera, é regularmente convidado para leccionar em cursos internacionais.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy.

## Christian Zacharias

### direcção musical

Christian Zacharias destaca-se entre os maestros e pianistas da sua geração como alguém que procura o que está para lá das notas musicais, em interpretações elaboradas, detalhadas e claramente articuladas. Combinando o seu estilo único, íntegro, expressivo e profundo com uma personalidade carismática, é reconhecido não só como um dos grandes pianistas e maestros mundiais mas também como pensador musical. A sua carreira internacional floresceu através de inúmeros concertos aclamados com as principais orquestras do mundo e maestros de renome e de vários prémios e gravações.

Desde 2020, Christian Zacharias é Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, cargo que ocupa igualmente desde 2021/22 na Orquestra Ciudad de Granada. É também Maestro Associado da Orchestre National d'Auvergne (desde 2021/22) e Maestro Honorário da Filarmónica George Enescu em Bucareste (desde 2020/21).

A música dos períodos clássico e romântico, particularmente Haydn, Mozart, Beethoven e Schumann, é central no seu trabalho e dá forma aos compromissos que assume com a Orchestre National de Lyon, a Göteborgs Symfoniker, a Bilbao Orkestra Sinfonikoa, a Orchestre de Chambre de Lausanne e a Stuttgarter Philharmoniker.

São já raras as suas apresentações em recital, que o levam nesta temporada, uma última vez, a Paris, Madrid, Lyon e à Schubertiade, entre outras cidades e festivais.

Ao longo da sua carreira, estabeleceu laços profundos com a St Paul Chamber Orchestra, as Sinfónicas de Gotemburgo, Bamberg e Boston, a Orquestra de Câmara de Basileia e a

Orquestra da Konzerthaus de Berlim. Desenvolve também um interesse especial pela ópera, tendo dirigido produções de *La Clemenza di Tito*, *As Bodas de Figaro* (Mozart) e *La Belle Hélène* (Offenbach). Dirigiu *As Alegres Comadres de Windsor* de Otto Nicolai na Ópera Real da Valónia, em Liège, uma produção que conquistou o Prix de l'Europe Francophone 2014, atribuído pela Associação Profissional de Críticos de Teatro, Música e Dança de Paris.

Desde 1990, tem aparecido em vários filmes: *Domenico Scarlatti à Seville*, *Robert Schumann – der Dichter spricht* (INA, Paris), *Zwischen Bühne und Künstlerzimmer* (WDR-Arte) e *De B comme Beethoven à Z comme Zacharias* (RTS, Suíça). Gravou a integral dos concertos para piano de Beethoven (SSR-Arte).

As suas palestras “Porque é que Schubert soa como Schubert?” e “Haydn: Criação a partir do nada” deram ao público percepções impressionantes sobre a música destes compositores.

Entre os muitos prémios que tem conquistado destaca-se o Midem Classical Award 2007 para Artista do Ano. O Governo Francês atribuiu-lhe o título de *Officier dans l'Ordre des Arts et des Lettres* e o seu contributo para a cultura na Roménia foi também premiado, em 2009. Em 2016 foi nomeado membro da Real Academia Sueca de Música. É doutorado honorário da Universidade de Gotemburgo desde 2017.

Como Maestro Titular da Orquestra de Câmara de Lausanne, realizou gravações que conquistaram a crítica internacional. A sua integral dos concertos para piano de Mozart deu-lhe o Diapason d'Or, o Choc du Monde de la Musique e o ECHO Klassik Award. Destaca-se ainda a gravação da integral das sinfonias de Schumann.

Preside aos júris dos concursos Clara Haskil (desde 2015) e Geza Anda (2018) —, tendo dirigido neste último o concerto final.

## Marc Coppey violoncelo

Marc Coppey conquistou uma sólida reputação como solista e pelas parcerias com grandes músicos da actualidade em formações de câmara, além da dedicação à expansão da literatura do instrumento. Ao seu estatuto como um dos mais importantes violoncelistas da actualidade soma-se o crescente reconhecimento internacional como maestro. É director musical dos Zagrebački Solisti desde 2011.

Protegido de Yehudi Menuhin e Mstislav Rostropovitch, a sua primeira aparição internacional aconteceu aos 18 anos, ganhando importantes prémios no Concurso Bach em Leipzig (1988). Rapidamente se estreou em Moscovo e Paris ao lado de Menuhin e Victoria Postnikova, uma colaboração documentada em filme por Bruno Monsaingeon. Rostropovitch convidou-o para o Evian Festival e a sua carreira a solo disparou, com convites das principais orquestras e maestros. Foi nomeado *Officier des Arts et des Lettres* pelo Ministério Francês da Cultura, em 2014.

Nesta temporada, Marc Coppey toca como solista com a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse e Lio Kuokman, a Filarmónica da Radio France e Kazushi Ono, a Filarmónica de Estrasburgo e John Nelson, e a Sinfónica da Rádio Polaca e Lawrence Foster. Dirige a Deutsche Kammerakademie e a Real Orquestra de Câmara da Valónia, entre outras prestigiadas formações. Durante 2021, é Artista em Residência na Casa da Música, interpretando obras de Dutilleux, Dvořák, Elgar, Rhim e Chostakovitch.

Apassionado pela música de câmara, foi fundador do Quarteto Ysaÿe (1995-2000). É director artístico do festival de música de câmara Musicales de Colmar. Colabora regularmente com prestigiados pianistas (Nelson Goerner, Stephen Kovacevich, Kun-Woo Paik e Maria

João Pires), instrumentistas de corda (Ilya Gringolts, Vadim Gluzman, Viktoria Mullova, Alina Pogostikina e Lawrence Power) e com o aclamado flautista Emmanuel Pahud. É parceiro regular do pianista russo Peter Laul.

A amplitude do repertório de Coppey é a prova da sua curiosidade, estendendo-se do mais corrente às obras menos conhecidas de compositores contemporâneos. Estreou obras concertantes de Jacques Lenot, Marc Monnet e Eric Tanguy e fez estreias francesas de Elliott Carter, Mantovani e Erkki-Sven Tüür. Muitos compositores dedicaram-lhe peças.

Actualmente grava para a editora Audite. Entre os seus discos mais recentes destaca-se a integral das obras para violoncelo e piano de Beethoven (com Peter Laul), concertos para violoncelo de C. P. E. Bach e Haydn (com os Zagrebački Solisti) e obras para violoncelo e orquestra de Bloch e Dvořák (com a Sinfónica Alemã de Berlim e Kirill Karabits). O seu próximo disco é dedicado aos concertos de Chostakovitch, gravados ao vivo com a Sinfónica da Rádio Polaca e Lawrence Foster. A sua discografia tem sido aclamada pela crítica, com distinções como o Diapason d'Or, o Choc du Monde de la Musique e o *ffff* da revista *Télérama*, entre outros. Gravou para a Accord/Universal, a Aeon/Outhere, a Decca, a Harmonia Mundi, a K617, a Mirare e a Naïve. Os seus recitais foram transmitidos pelos canais Arte e Medici.tv.

Marc Coppey é professor de violoncelo no Conservatório Superior de Paris e orienta masterclasses no mundo inteiro. Desde Outubro de 2020, é director artístico da Saline Royale Académie de Arc-et-Senans: um centro francês de arte e educação para a música. Toca num raro violoncelo do luthier Matteo Goffriller (Veneza, 1711), conhecido como “Van Wilgenburg”, e reside actualmente em Paris.

## Ashot Sarkissjan violino

Nascido na Arménia, o violinista Ashot Sarkissjan tem marcado presença nos palcos da nova música desde 2002, ano em que se juntou ao Ensemble intercontemporain. Foi nesta formação que teve contacto próximo com a obra de compositores como Pierre Boulez, György Kurtág e Brian Ferneyhough.

Ao integrar o Arditti Quartet, em 2005, passou a trabalhar com os mais destacados compositores contemporâneos e participou numa discografia que inclui as integrais dos quartetos de cordas de Helmut Lachenmann, Jonathan Harvey, Pascal Dusapin, Harrison Birtwistle e Brian Ferneyhough.

Das suas apresentações a solo, destacam-se os concertos de Kurt Weill (com o Ensemble intercontemporain), György Ligeti (com a Stavanger Sinfoniorkester) e James Dillon (com a Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa). Entre as estreias mais recentes estão *Giacometti's Razor* para violino solo de Steven Daverson (2014), *Socialist Fucking Realism* para violino e coro falado de Philip Venables (2013), *cleft* para violino e violoncelo de Mark Barden (com Séverine Ballon, 2017), *[super]PIPE(s)* para violino e ensemble de Andrzej Kwieciński (2017) e *The Su Song Star Map* para violino solo de Liza Lim (2018).

O interesse paralelo de Ashot Sarkissjan em formas musicais menos académicas levou-o à participação nos álbuns *The Marriage of True Minds* (2013) e *The Consuming Flame: Open Exercises in Group Form* (2020), do grupo de música electrónica Matmos.

Ashot Sarkissjan vive no Porto desde 2018. Toca num violino de 2002, construído por Stephan von Baehr.

## Remix Ensemble Casa da Música

**Peter Rundel** maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble apresentou, em estreia absoluta, mais de 90 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o primeiro maestro titular do Remix Ensemble.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se nas mais prestigiadas salas e festivais europeus como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência, Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi a primeira orquestra portuguesa a apresentar-se na Elbphilharmonie de Hamburgo, a 22 de Setembro de 2020.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei e Daniel Moreira, além de obras de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e

Estrasburgo) com encenação de Nuno Carlinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carlinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables e inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

Na temporada de 2020, o Remix Ensemble assinalou o seu 20.º aniversário com a estreia mundial do *Requiem* de Francesco Filidei, uma encomenda da Casa da Música em parceria com o Ensemble intercontemporain e o ensemble vocal Les Métaboles. Apresentou obras de Philippe Manoury ao lado dos prestigiados solistas Ashot Sarkissjan e Nicolas Hodges, e uma obra de Hugues Dufourt com o pianista Pierre-Laurent Aimard. Fez ainda a estreia mundial de uma banda sonora de Igor C Silva para um clássico do cinema mudo português, encomendada pela Casa da Música em parceria com a Philharmonie du Luxembourg.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2021 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, apresenta um ciclo dedicado às sinfonias de Sibelius e novas encomendas da Casa da Música aos compositores Luca Francesconi, Francesco Filidei e Carlos Lopes.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de

Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020) e Peter Eötvös (2021), além de obras de compositores portugueses e da integral dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

## Remix Ensemble

### Violino

André Gaio Pereira  
Pedro Carvalho

### Viola

Trevor McTait  
Alfonso Noriega  
Filipa Bandeira

### Violoncelo

Oliver Parr  
Filipe Quaresma  
Tiago Silva

### Contrabaixo

Jorge Castro  
Daniel Aires

### Flauta

Stephanie Wagner

### Oboé

Joel Vaz  
Luís Matos

### Clarinete

Victor J. Pereira

### Fagote

Roberto Erculiani  
Álvaro Machado

### Trompa

Nuno Vaz

### Trompete

Aleš Klančar

### Trombone

Hugo Serra

### Tuba

Adélio Carneiro

### Percussão

Mário Teixeira  
Manuel Campos

### Piano

Tiago Pinto  
Octávio Lamounier

### Harpa

Carla Bos

### Guitarra

Júlio Guerreiro

### Bandolim

Jorge Carvalho

## Orquestra Sinfónica

### Violino I

Martyn Jackson  
Álvaro Pereira  
Evandra Gonçalves  
Maria Kagan  
Tünde Hadadi  
Roumiana Badeva  
Emília Vanguelova  
Vladimir Grinman  
Mafalda Vilan\*  
Diogo Coelho\*

### Violino II

Tatiana Afanasieva  
José Paulo Jesus  
Pedro Rocha  
Domingos Lopes  
Karolina Andrzejczak  
Mariana Costa  
Paul Almond  
Nikola Vasiljev

### Viola

Vinciane  
Vinckenbosch\*  
Anna Goner  
Hazel Veitch  
Luís Norberto Silva  
Jean Loup Lecomte  
Biliana Chamlieva  
Francisco Moreira  
Theo Ellegiers

### Violoncelo

Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Michal Kiska  
Bruno Cardoso  
Hrant Yeranossyan  
Aaron Choi

### Contrabaixo

Florian Pertzborn  
Jorge Villar Paredes  
Joel Azevedo  
Slawomir Marzec

\*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

